

CEDI - P. I. B.
 DATA 05.04.93
 COD. PAD 00255

MÍTO DA ORIGEM DO MUNDO TUKANO, DESSANO, MAKU. Relato do Pe. Casimiro Beksta sobre desenhos de um índio tukano.

Os meus ajudantes ficaram trabalhando, gravando cerimônias e histórias e um deles mandou o resultado da gravação com uma carta dizendo: Aqui tem a cerimônia do cigarro que a principal e mais frequentemente usada entre os tukano...cerimônia completa. Vocês não vão entender... vou desenhar... Tem cinco coisas desenhadas a lapis do texto que estava sendo gravado sobre a cerimônia. Eu achei isto tão interessante que mandei um bloco e tintas, pedindo que fizesse continuação. Esses desenhos que vão ver agora é exatamente o trabalho que ele fez. Um índio que ~~trabalha com~~ ^{tem precários} cinco anos de primário, não recebeu nenhum curso de iniciação artística, a não ser que teve óleo e desenho no seu curso.... e apresenta para os brancos o conteúdo do mito. Isso é importante porque ele faz uma seleção de assuntos mencionados na lenda, no mito, mas o que ele desenha é para o branco ver. Quando ele fez esse trabalho o filho do chefe do mesmo povoado ~~xxxxxxx~~ viu o trabalho e mandou uma carta para mim dizendo Casimiro, Feliciano não fez tudo. Meu pai já reclamou, porque está faltando coisa importante. Então mando mais uma vez um caderno ^{grosso para Feliciano} e um bloco ~~xxxxxxxxxxxx~~ e instrumentos de desenho para o outro: Luiz Lana. Porque agora Luiz ditando. o pai velho, o chefe (Luiz é o novo chefe do povoado, filho do chefe) escreve a tradição da boca do pai para o filho. Agora o conteúdo é bem diferente,

A problemática surgiu assim, outro dessana ... em Manaus procurando... como é essa história, vocês dizem que deus é masculino e os nossos antigos dizem que no começo era figura feminina. Bom, eu disfarcei resposta dizendo que deus é espírito, nem masculino, nem feminino./Tá bom, padre, ficou contente. Para mim ficou o problema, onde que esta figura feminina aparece na lenda. A resposta, na tradução de Luiz Lana é assim. Tradução quase literal do texto:

"No princípio ..." o que ele apresenta aqui é a história, antes do começo do mundo. O que ele sabe da história ^{sagrada} de tradição bíblica é o começo do mundo. A tradição anterior dos indígenas dessanos é o começo antes do começo do mundo. Este é o título e com este foi feita uma peça teatral "Dessana Dessana" de Márcio Sousa em Manaus, no teatro Amazonas, com um sucesso de aqueles. Os brancos interpretando o mito e quando Feliciano chegou lá, eles perguntaram você que acha: "É assim, assim mesmo" o que foi o melhor elogio para quem fez a peça e o próprio pessoal falava "nós sentimos uma coisa diferente quando apresentamos esta peça, porque não é teatro, é peça sagrada. Agora a turma que viu, que assistiu, fica perturbado. O pessoal religioso que assistiu esse trabalho ficou escandalizado e se alguém fica escandalizado fica na minha conta, que eu já estou marcado no Rio Negro, pervertendo, tirando de novo satanás, não tinha malícia, agora está tirando de novo coisa suja do passado.

O problema do desenhador foi o seguinte: se ele é espírito/"Casimiro, o senhor não tem um pedaço de papel transparente?"; dei um pedaço de celofane para ele. Então ele fez o desenho, depois fez figura masculina de celofane e o colocou sobre o desenho. Porque é espírito e espírito não se vê e ele tinha que desenhar o espírito. Agora vocês verão como ele soluciona... O texto é autêntico da tradição.

"No princípio o mundo não existia, as trevas cobriam tudo e enquanto não havia nada, apareceu uma mulher por si mesma. Isto aconteceu no meio das trevas. Ela apareceu sustentando-se sobre seu barco de pedra branca, aparecendo ela cobriu-se com seus enfeites e fez como que um quarto de pedra branca.... O nome dela é avó do mundo, ou avó da terra. Como ela apareceu: Havia coisas misteriosas e de estas coisas que ela se fez. Coisas misteriosas para ela criar-se a si mesma. Havia seis coisas: um banco, um cigarro grande, uma cuia de epadu (coca) - esta é comida de imortalidade-, um suporte desta cuia de epadu, uma cuia de polvilho, um suporte desta cuia de polvilho. Sobre estas coisas foi que ela se transformou em si mesma.

(Fazendo uma pequena pesquisa a gente descobriu que os indígenas interpretam no seu corpo que tem feito destas peças: o útero materno é o banquinho onde criança fica sentado. Aquele suporte para nossas pernas, as coxas e assim para frente...)

Foi ela que pensou sobre o futuro mundo, sobre os futuros seres, isto estando no quarto de pedra branca onde ela estava. Estando neste quarto ela comeu o epadu e fumou o cigarro e pensou como deveria ser o mundo. No momento em que ela pensava, no seu quarto, começou a se levantar algo como se fosse um balão e encima disto como se fosse terra. Só com o pensamento dela aconteceu todo isto. Esta bola levantando-se envolveu tudo na escuridão. Toda a escuridão ficou dentro de aquele balão que era o mundo. Não havia ainda luz. Só no quarto que ela fez havia luz.

Tendo feito isto ela chamou a bola de casa do mundo. (Dar nome é destinar, né)

Chamou esta bola como se fosse uma grande maloca. Este nome é ainda hoje o nome mais chamado nos ritos. Depois ela pensou em colocar pessoas nesta grande casa. Então comeu o epadu, fumou o cigarro. Todas estas coisas especiais não eram feitas como hoje, ela tirou o epadu da boca, molhado de sua saliva, e o fez transformar-se em homens, os avós do mundo, e eles eram trovões. Os trovões eram chamados gente de pedra branca, quer dizer, homens de mármore porque são eternos e não são como nós. Isto ela fez no quarto de pedra branca no lugar onde ela apareceu. Depois de ter feito isto ela saudou seus gerados, chamando-os irmãos do mundo. Quer dizer que ela os considerou como se fossem irmãos dela. Eles responderam lhe dizendo "avó do mundo que assiste a tudo o que existe. Feito isto ela deu a cada um um quarto nesta grande casa que é a casa do mundo. Eram cinco os trovões. São os quatro pontos cardeais e o ^{irmão} ~~filho~~ mais novo está no alto. Este chama-se avó do mundo e depois vai aparecer na mesma história. Isto não desenhou...

Pessoas femininas e sem roupa ^{naturalmente} é escândalo... Esta é avó do mundo sentada no banco que é um lugar sagrado e tem para frente de aquela pitera gigantesca, tem um cigarro, tem o suporte da cuia, dentro tem o verde escuro que é epadu. E agora ele está criando o mundo criando os quatro pontos cardeais. Onde há este cruzamento, no alto tem o quinto, quinta casa, casa do céu, casa do quinto trovão. Ela agora chamou os trovões e transmitiu-lhes a tarefa de criarem eles o mundo. Agora estão estes quatro irmãos aqui, quatro trovões. Aquele último, sentado na areia é o homem da noite e fica na Colômbia, no ocidente e era o mais preguiçoso de todos. Um dia ele começou a pensar em criar o mundo, mas não sabia como, então se embriagou e saiu para fora vomitando e quando ele caiu no chão e virou pedra e os adornos que ele tinha sobre si tornaram-se impressos em aquela pedra. É uma maneira de explicar os petroglifos.

Estes quatro trovões fracassando, a avó do mundo continuou a preocupar-se a como organizar a criação do mundo. Então ela fuma de novo. Come o epadu e com a fumaça ela está buscando o criador do mundo. Agora esta figura do criador que está ^{ainda} escondido tem um traço azul ao redor dos pés dele. Este azul quer dizer escuro ao redor de toda pessoa. Tudo deveria ser pintado de azul e aquelas casas dos trovões com esse traço azul que significa a escuridão que está envolvendo. A avó do mundo com sua fumaça apanha o criador do mundo, então ele que estava na escuridão aqui ficou dentro da fumaça e ela faz-o chegar a sua presença e transmite a ele a tarefa de criar o mundo. Agora veja os adornos deste futuro criador do mundo. Ele tem ^{pendurando} as orelhas laminas de ouro, que vocês viram ontem. Tem aquelas pedras brancas que são as pedras do mando. Ele tem uma destas. Agora, na catequesis em tukano, este indivíduo foi o identificado com deus criador. Quer dizer. O tukano hoje, que foi catequisado durante 60 anos, ele sabe que deus criador dos cristãos é a sexta pessoa na série dos seres anteriores. Não é o primeiro ser e toda nossa catequesis está furada. Não recebeu a mensagem de que deus é o ser supremo, o primeiro ser. Este agora não sabe como criar, porque uma coisa que não existe, como que ele vai criar o mundo e coisa visível. Como do espiritual que ele é como é que vai fazer. ^{O mundo material} Ele vai falar com o primeiro trovão e este disse: eu não tenho força, não tenho material, vai falar com meu irmão. Vai lá com o outro: A avó do mundo me mandou criar o mundo, como é que eu vou fazer. Não sei, vai falar com o outro; também este não sabe como fazer, vai lá falar com o outro, o da noite. Cada casa é a moradia de um trovão. Agora vai para a Colômbia, no ocidente e fala com o homem da noite que diz não sei não, talvez aquele irmão mais novo ~~é~~ tal vez ele que tenha o material, vai lá para cima. Ele volta a falar com a avó do mundo, ele quer receber passagem para cima. Ela entrega o cigarro espiritual para ele, ele produz uma fumaça grande que vai para o alto e dentro de fumaça ele vai subindo até que ele chega lá na porta da casa do céu. Quando chegou lá na frente, estava tudo escuro, não havia ninguém, parecia vazio. Então ele se apresenta do jeito que se apresentam os tukanos quando chegam na maloca. Oi lá, se tem alguém em casa. Eu cheguei aqui enviado pela avó do mundo e tenho a tarefa de criar o mundo. Então daquela escuridão surge o ^{quarto} trovão vestido com todos os adornos que vocês viram no museu. Tem aquele escudo, aquela coroa, um cinto de penas, tem chocalho nos pés, ligas nos joelhos e a pedra do mando.

Este é o quinto trovão e enseguida recebe os primeiros presentes. Era uma porção de cuias, em cada cuia tinha epadu e ele tinha medo de comer este epadu, porque encima tinha cobras. O padre Eduardo mencionou um episódio, mas era narração dos tukano e eles colocam isso em Ipanoré Cachoeira. Aqui é a versão dessano. Ele tinha medo de comer esta comida por causa das cobras que estavam ameaçando. Se ele tivesse comido nós não morreríamos, como não morrem as cobras, elas trocam de pele. Nós trocaríamos de pele e continuaríamos a viver mais. Então as cobras se afastaram e vieram os cigarros. Ele tomou fumaça de aqueles cigarros e agora o avó do mundo dispõe para ele sobre as peneiras um conteúdo de uma cangatara: caixa de adornos, e disse: este é o material com que você vai criar o mundo. Como que vai acontecer. Num dado momento todos estes adornos se transformam em pessoas, masculino e feminino, e uma maloca, a maloca que era vacia enchesse de gente e eles formam uma roda dentro e andam cantando do jeito como os tukano cantam agora e depois virou tudo de novo e aparecem ^{apenas} todos estes adornos. Então recebendo esta caixa de adornos o criador do mundo desce para este mundo. Ele desce no som da música dos Jurupari. A música é alguma coisa invisível mas está presente, então ele tornou-se... desceu do céu no som da música e tornou-se assim... fez uma viagem espiritual para absixo.

Pequeno intermezzo: Haviam outros trovões. Havia um trovão aleijado, um trovão sem ^{cara?} ~~cara?~~ nes, só que tinha boca no peito, e eles viviam lá também. E quando a gente, agora se fala de gente, ia lá na casa dele e achava graça daqueles ^{zombavam} - aqui tem a segunda parte de aquele quadro. Então acontecia castigo. Porque zombavam de pessoas velhas foram comidos.

A história pula para frente. Depois que foi criado o mundo nós não sabemos que aconteceu. O mito conta, mas ele não desenhou. Houve um dilúvio, um desastre, que precisava matar as onças que eram monstros e ameaçavam a toda a gente que iam chegar neste mundo. Então colocou-se uma cobra voadora para marcar a altura até onde deve chegar a água, mas ela se descuidou e a água invadiu tanto que apenas dois picos de montanhas subiram acima do nível da água. Uma foi aquela que mostrei ontem, Aquela montanha da cabari acima de São Gabriel e la sobreviveram as pessoas. Depois deste desastre houve outro desastre: o incêndio do mundo. De tanto secar a terra, a terra pegou fogo e então a mata, que estava ao outro lado do rio pegou fogo. Ainda hoje ainda encontramos restos. Em Barreira Alta, no barranco, a 5 m de profundidade no barranco tem uma lagem de carvão e dizem que este é um testemunha de aquele incêndio do mundo. As casas dos trovões estão nos extremidades e no centro está o quinto trovão e em baixo daquela que está no alto está o centro do mundo: isto é Ipanoré. Aqui ao lado esquerdo seria o Solimões ou o mar, qualquer coisa... e depois entraria o ~~Vaupés~~ Rio Negro e a bifurcação seria o Rio Negro sobre o polo norte e o Vaupés continua.

- As casas parecem de civilizado.

- Ele quiz fazer malocas

- O desenho seria diferente no tradicional

- O senhor não vai querer que eu desenhe a arquitec... É um índio que não tem...

- Não, não, eu digo a forma, poder-se-ia dizer malocas disso aí, ou é mais casa de ci-

vilizado.

- Maloca é também o mesmo sistema, tem frente, tem porta de trás, só que o teto é um pouco mais baixo que chega até no chão. Agora, nestes rios, no lago de leite tem uns peixes que vão ser futura gente. E o trovão, aquele trovão do alto se transforma em peixe, em cobra grande e tornasse como canoa, uma embarcação, e sobre este tem o tal criador do mundo ye'pá Õ'ãkhê que vai agora dirigir a viagem. Ele tem aquela vara, lança ritual e, como eles contam, para eles era o sinal, lugar do destino, onde esta vara não tem sombra. Então viajaram longe e chegaram até ao equador, onde não tem sombra era o lugar do destino e o equador passa exatamente sobre a Ilha das Flores.

Um outro aspecto da embarcação que era uma cobra grande dentro da qual pularam os peixes do lago do leite. Lago de leite? eu pensei, é que tem muita espuma, alguma coisa destas. Não é leite mesmo. Agora de quem é este leite? É da avó do mundo, foi ela que forneceu o alimento dos peixes. Futura gente precisa leite. Agora esta embarcação já sai. Eles dizem que é o lago de Guanabara, aqui no Brasil de onde vai subindo. Os tukanos que vivem na Colômbia dizem que foi do oceano Pacífico. De qualquer maneira está viajando, visitando as casas, as casas são subterrâneas. Ele apenas localiza por cima. Mas tudo está no fundo do rio. A embarcação encosta na terra. Os que estão viajando entram em aquela casa e cada casa tem o nome de um objeto cultural. A primeira é casa do remo, segunda é do banquinho e assim para frente. Em cada casa entrando em forma de gente fazem a mesma cerimônia, como a avó do céu fez no céu, fazem, pela dança circular, recebem os bens culturais que eram de aquela casa, embarcam de novo e sempre deixando passageiros em aquelas casas. As casas já existem e não tem habitantes. Eles viajando que vão povoa-las.

O interior da casa tem os esteios, vigas e coberturas, e estas são as costelas da cobra grande. A casa quando consagrada, ela se torna também, na vista dos dessanos, tukanos a estrutura de costela de cobra grande. A casa por dentro é escura e triste, como eles dizem. Agora a divisão dentro uma parte é a parte masculina, festiva, tem um banco grande, aquele curvo, é para o mestre de cerimônia e os dois ajudantes. Aquele banco comprido é para os homens sentar-se. O trocano, um tambor de sinalização, não tem nada a ver com dança, um grande pote para o caxiri e bebidas. Tem um toco de madeira sobre o qual se queima o breu, para a iluminação e a segunda parte é ^{uma espécie de} cozinha e ~~dor~~ mitório. Ali os objetos que a mulher preparou: brutas (?), panelas e potes para fazer fermentar a bebida. Tem vasilhas menores. Tem como de madeira. As redes para dormirem. Essa é a estrutura e distribuição da maloca.

Dentro da maloca, os homens entrando começam dançar, dançam com esses enfeites que vocês viram no museu. Aqui é dança do bastão de ritmo que, batendo no chão, produz aquele ~~ritmo~~ som roco e cantando, batendo em ritmo, vão dançando em semi-círculo, se deslocando. Quando os homens formaram a roda entram as mulheres, os homens seguram nos homens, mulheres seguram nas mulheres e agora vão dançando, vão para frente, vão para atrás, vão em fila rodando em semi-círculo, são várias figuras de dança.

Na curta, tukano tem tronco grande e perna curta.

Pronto, são desenhos escandalosos, me desculpem, porque se mostro isto aqui... tanto

que a primeira versão deste desenho foi rasgada em público e não sei o que. Demonstrativamente que isso não deve ser feito e coisa mais.

Agora aqui é dança intermezzo. O que era antes era dança religiosa, esta dança do japurutu é divertimento. São dois tocadores de japurutu e as duas mulheres ficam no meio deles. Olha as maneira deles pegarem o braço da moça. Toca apenas o dedo. As duas flautas produzem música diferente, primeira voz, segunda voz e dizem que uma melodia tão bonita que dá para chorar.

Aqui é a dança do carriço (calizo?) com casco de jabuti, tem na ponta um pedazinho de breu, esfregando este breu e raspando com palma da mão ele produz um gritinho assim uh uh uh. Este uh é o nome do jabuti, então é a graça. Com a mesma mão que segura o casco, também segura o calizo, então mexe a boca e produz melodia e com a outra mão faz o engraçado do uh uh.

Hóspedes em frente dos donos. E para começar a dança cerimonial sai o mestre de dança levando esta lança ritual, batendo com chocalho e no seu ombro finca no chão e no ponto onde está fincado, aí que começa a dança. Saíde aquela casa, vai entrando na outra.

- Tanta gente.

- E na viagem está multiplicando-se, agora reparem que a caveleira dos que estão viajando é branca. Eles receberam cabelos pretos só depois que estavam no rio Tiquié, só depois que as moças passaram por certa cerimônia. Para eles é importante recitar os nomes e cada casa é importante, porque em cada casa aconteceu alguma coisa a que se refer depois quando ele vai aplicar esta cerimônia no rito. Numa houve doença, na outra houve qualquer coisa, então eles tem sempre que reditar até que chega ao caso semelhante ao que tem hoje para ser curado ou resolvido. O que nos interessa nesta viagem é quando está chegando perto da boca do rio Vaupés, no cruzamento onde é a casa do centro. Casa do centro é abaixo de Ipanoré.

Na casa do centro vivia a filha do trovão e ela comeu uma fruta que era proibida: abiu. uma vez que tinha comido aquilo sentiu umas dores terríveis, caiu, desmaio e a criança nasceu e subiu ao céu. O mito é muito mais complicado e diz como que foi raptado a criança pelos pajés, mas a mulher quando acordou não viu o seu filhinho perto, escutava a voz dele, escutava o choro e, de noite, ela percebia que alguém se amamentava do leite que ela tinha e de madrugada acordava com o seios secos e desapareceu e nunca mais viu. E esta criança era o futuro legislador que depois entrou na história como Jurupari. Tem outra história paralela que fala do nascimento de um ^{outro} irmão dele, de outra moça, irmã desta. Esta irmã tinha um filho que chama caaxpi, aiuasca, que vocês conhecem da Peru. Quando se toma aquela bebida ~~em~~ produzida dos restos de aquela segunda criança, do caaxpi se tem visões. E a primeira vez que um índio transmite a nós a impressão de aquilo que ele vê nas visões. Ele vê uma porção de cobras coloridas que estão viajando e passam rapidamente ao redor dele e aquela luz no fundo é o toco de breu que está iluminando a escuridão. Mas a visão é colorida e viva. A maloca inteira parece iluminada, por fora e por dentro, quando ele sai para fora, os paus, os to-

cos que tem por aí, tudo fala. Ele escuta e conversa com toda a natureza. E dentro, agora estão dançando em aquela animação porque a maloca não é mais... (fim lado 1)

Falando da vista, um médico quiz experimentar o efeito do caaxpi, foi em Iauarete, tomou aquela droga muito amarga, ele diz que ele se lembrou de todas as fórmulas mais complicadas que ele tinha estudado, se eu tivesse tomado aquilo antes dos exames passava brilhantemente em aquilo. Aquilo que foi colocado no subconsciente, o médico decora as fórmulas, o índio decora as formas de desenhos, de tradições, de cobras, de bichos, então aquilo que guardou na memória, ele ficou vendo na hora da cerimônia. Nesta viagem tem dois irmãos, um com a lança que guia a viagem, este é o chefe dos tukanos e o outro com o chocalho é o mestre das cerimônias ^{dos segredos} e da religião é o dessana. Dos Dessanos chamasse boxtea, o aracu, e o outro , ou então ye'pa o'ãkê.

Agora vejam que cerimônia se faz para tomar o caaxpi, em quanto aquele abuso que vem de Porto Velho e Manaus, manda beberem todos, até crianças e por semana um litro que consumir, aqui no ano uma só festa, somente os adultos recebem uma cuia minúscula de aquela bebida amarga. Eles chegam como guerreros, com aquela lança, mostra sua valentia, recebe aquela cuia, dá um berro danado, porque é muito amargo e depois fica arrastado para a rede dele, ali vai, por fim, curtindo as visões.

Quando chega o último dos makus, que na viagem viajavam também os makus, aquele último era um branco, ele para mostrar a sua valentia pegou sua espingarda e deu um tiro, foi o estrago da festa. Os outros ficaram indignados porque era tão violento. Depois vamos a dizer o que aconteceu com ele, este é o nosso bisavô dos brancos. ^{U dos} ~~U dos~~ últimos ~~dos~~ makus. Não é raça superior, é raça última mesmo.

Aqui tem uma passo cerimonial, ele leva este pote de caaxpi como a mãe carregava a criança morta. O caaxpi quando era ~~morta~~ ^{criança}. O caaxpi quando foi arrancados os membros dele, então amãe voltou para a casa, sofredora, chorando e aquela procissão se repete na cerimônia. O pote de caaxpi é considerado vaso sagrado, não se deve colocar no chão, ou pode ser pendurado ou colocasse sobre banquinho e não se lava, porque dentro só tem aquilo. Como o pajé diz, como vocês tem calice na missa, nós temos o pote de caaxpi. Agora

Agora, a explicação das flautas, se tem pessoas do sexo diferente do masculino, por favor fechem os olhos. Tem dois tipos de flautas, uma só, toco de paxiuba e outras tem o ~~mesmo~~ ^{mesmo feitio} de paxiuba mais caixa de ressonância feito de casca, amarrada com cipó.

Aqui tem uma história muito grande que fala da origem destas plantas palmeira, cipó e árvore e era de um indivíduo que era iniciador dos rapazes, mas ele conseguiu come-lo depois de castigo dele ter comido os meninos ele foi queimado e daquela cinza que sobrou dele nasceu uma planta, a palmeira, paxiuba, uma árvore que tem essa casca e o cipó e nestes instrumentos representam os membros de aquele legislador, de aquele iniciador. Ele no corpo dele produzia várias músicas e aqui os instrumentos reproduzem separadamente vozes. Os instrumentos sempre andam em par, masculino e feminino e se usam no dabucuri, quando é festa de oferta de frutas.

Alguns são bem grandes e os maiores chegam a 3 m de comprimento. Precisa ter um menino que carregue a boca de aquele altofalante. Quanto maior o comprimento, tanto mais profundo o som, o mais baixo faz um ~~ronco~~ tamanho que treme a terra, treme o coração da gente, ^{que escuta} uma coisa horrível mesmo, na soledão da celda escutar um ronco de aqueles. Agora uma flautas mais curtas produzem umas melodias, tem umas melodias até bonitas. A procissão agora é anunciando a festa de frutas. Desde ^{longe} ~~dentro~~ da selva estão dando o sinal e as mulheres se recolhem dentro da maloca. Então os homens vem com estes bichos, que isto tem o nome de "bichos", que os homens vão amansando, os homens vão defendendo as mulheres, dominando este bichos estão defendendo as mulheres. As mulheres estão com medo destes bichos, de serem comidas e os homens são os heroes que os dominam. Elas não sabem que são flautas, depois de ter feito umas voltas ao redor da casa da maloca queles se retiram. As mulheres ^{tem que} sair de dentro e refugiar-se no mato. Então as flautas entram dentro da maloca ~~em~~ e continuam ^{a cerimônia} dentro. ~~As~~ A mulher que fica sabendo do segredo, que esses não são bichos, mas são flautas vai morrer. Tanto que a própria mãe do próprio legislador que sobe tinha que ser morta. Porque ~~E~~ ele com o amor que tinha para com sua mãe e com pena de que tinha que mata-la, levou-la para o alto, não sei quantos quilômetros e deixou-a cair. Quando ela caiu formou-se montanha, uma serra que está entre o rio Caiari e o Içana. E em sinal da lembrança da delicadeza do filho, nesta serra tem plantas tão perfumosas como em nenhum lugar tem.

- E yepami?

- Ah não fale de yepami, que esta é história terrivelmente perigosa que nem eu consegui grava-la, porque tem que fazer defesa anterior, tanto ao redor da casa, na casa tanto eu, tem que ficar defendendo pela cerimônia.

Bom a cerimônia continua dentro da casa. Os dois irmãos são os dois chefes de duas tribos, então lembram origem, os seus antepassados, conversa muito animada, comem fumam cigarro e falam. Este é o ritual de cada festa.

Ao som de aquela festa, as mulheres fugiram para o mato, as flautas estão chegando. Agora, os homens para se lembrarem que devem guardar o segredo... Porque a palavra Jurupari, em língua geral significa segredo. Juru é boca, Pari é grade. Grade na boca, quer dizer: cla a boca. Eles tem um feixe de varinhas, adabi chama-se e com este vão chicotear a gente. Ele tem em baixo pimentas, essas amarelinhas, que se devem mastigar, se podem engolir mas queimam a boca. O menino quando ele morde a pimenta sem chorar e apanhar com adabi sem chorar ele é homem, aí mostram para ele o segredo. Agora, os outros também ficam flagelados para se lembrarem que é obrigação do segredo. No rio Içana, onde este costume está em vigor, a gente tem doença de pele chamada puru-puru e quando eles se chicoteam, chicoteam-se até o sangue. Então uma varinha destas que já pegou o sangue de pessoa com infecção na pele de puru-puru, batendo numa outra transmite a infecção. E o branco diz que é transmissão criminosa, ^{mas} para eles é religião.

Eles me disseram que batem na criança para ela crescer. Na idade em que o menino vai começar crescer, eles batem para acelerar o crescimento. As mulheres tem os seus desenhos, conforme o desenho que tem na cara, a gente sabe que tribo é depois a informação mais importante, se é casada ou não, se pode namorar ou não. Se tem duas... aquela que abre-se assim, tipo b deitado é sinal de solteira, se tem tres é casada, se tem

tres traçinhos, um mais dois em cima. E a lancha vai subindo e isso acontece em cada ^{casa} ~~lugar~~ que eles param, a lancha vai subindo pelo rio Caiari para cima. A lancha está subindo e de longe eles percebem um terrível perigo que os está ameaçando. São uns patos gigantes e o condutor da viagem está agora ameaçado. Então o que que ele faz? Todos os viajantes se transformam de novo nos adornos, como era no céu. Um outro desenhador o faz até mais dramaticamente: ele faz o pato entrar com a boca pela janela da embarcação e não encontra gente. Agora escaparam do perigo dos patos. Agora tem onças marinhas, tigres marinhos. Agora é pior, porque estes sabem nadar e vão avançar sobre a embarcação e sobre o pessoal que está chegando.

Então a embarcação já está chegando, na praia já vê os bichos, então ele resolve tomar providências de outra maneira. Em vez de fazer aquela curva e chegar perto da praia, com a lança ritual que ele tem na mão, ele cutica a terra e abre um paraná. Nós viajamos uma vez com o padre Eduardo de Pari Cachoeira para o Vaupés. Cachoeiras e cachoeiras pelo caminho e o rapaz que nos acompanhava nunca tinha viajado, mas ele sabia esta lenda. Recitando ele dizia: de aqui a pouco vamos ter uma ilha e nós não vamos passar perto da praia, nós vamos pelo paraná pelo lado esquerdo. Conforme a lenda que ele sabia nós quicou até São Gabriel, atravessamos todas as cachoeiras e pedras e não batemos em nenhuma. E ele "estão vendo? meu pai sabia tudo, meu pai me diz e agora estão vendo todo o que eu diz é verdade. Daí é que tem este paraná. A explicação da história e da geografia, tudo, no mito. Continuam subindo a viagem. Chegam ao pé da cachoeira de Ipanoré. Aqui vai ser o ponto final desta embarcação. ^{Desembarca-se.} Primeiro ^{pula} para fora o maku e ajuda o patrão descer. Isto é visualização de aquel desembarque que outra lenda conta, que eu mostrei ontem, aqueles buracos das pedras. A embarcação é submarina, ela ficou no fundo do rio pelos buracos das pedras saíram então saíram já por terra, já com corpo. Primeiro o patrão que desce é tukano, com a lança e em seguida desce... em quanto to tukano com seu maku já desceu, o dessano está ainda, com seu maracá, na embarcação. Depois ele desce e eles tem também um maku. Os dessanas são os portadores das cerimônias, dos ritos e dos mitos. Os tukanos são mais prepotentes, então eles dominam a turma mais externamente. Por último desce o branco. Primeiro desceu o maku dele que é um preto e depois desce o branco, que também é um maku e com aquela espingarda que ele trouxe. Ele já coloca ^{a vinda dos} brancos a mil seiscentos e tantos, que eles chegaram no Rio Negro e já estão aí no mito, interpretando a situação dos negros que ele já conheceu que são escravos dos brancos, como os makus são escravos dos outros. E agora, alguma coisa estava barulhando no mato, porque estava nascendo, tantas pessoas que saíram da embarcação nasceram para este mundo, e aquele indivíduo que estava no mato barulhando quiz também nascer. E o indivíduo ^{aquel} que estava perguntando: quem sera, dependia da palavra que ele ia ^{dizer} dar. Ele deu o nome wãxpĩ = fantasma. Aquelle pobrezinho chorando, não podia ficar gente, tinha que ficar fantasma = É wãxpĩ. Apareceram também dois animais que eram bastante amigos de gente: cachorro e gato. E os viajantes acharam muito amigos, acariciaram, está tudo bem e eles ficaram com gente. Chegou também onça, toda festiva, pensando fazer agrado aos vijantes, mas a

gente ficou com medo. Então pronto ficou como bicho que causa medo.

Agora nesta praia do nascente, que eu falei ontem, estão alinhados... olha que quantidade de gente que desembarcou. A embarcação com o chefe da viagem ye'pã o'ãkê, que também chama-se o'aúro, desaparece viajando rio para abaixo. E agora começa nossa vida sem deus, palavras textual deles. Agora, quando mostrei estes desenhos para gente que entende alguma coisa, me disseram: isso é impossível que o índio tivesse desenhado desse jeito. Que perspectiva. Dá a ideia de profundidade, de quantidade de gente, coisa assim.

Esta é a praia dos nascentes que a gente encontra quando o rio encontra bastante. Agora, o valentão, o branco que não prestou, com a mulher dele e com os escravos negros que eram dele, mandou: vai lá para baixo, senão você atrapalha nossa vida, nós somos gente de paz, nós vamos subir cantando fazendo festas e vocês vão lá para abaixo. E o branco, nós o vemos até hoje, lá embaixo: tem guerra e guerra. Para os brancos as guerras são como para nós as festas. Agora, os que desembarcaram já tem corpo humano e tem que começar trabalhar. O instrumento mais prezado que eles tem é machado de pedra. Para fazer fogo, tem que fazer com atrito, usar aquele cupim que se incendeia e para fazer os adornos e roupas tem que descascar certas árvores, agora tudo é trabalhoso, tudo é difícil. Agora carregar as vigas, carregar os esteios para construir a casa de aquela maneira como eles tinham visto quando viajavam em aquele submarino.

Agora, esta é a casa já construída, em tres dimensões sobre a superfície da terra conforme o modelo que foi mostrado quando viajavam na viagem das almas, antes de terem corpo. Agora ele está secando o patú, ^{preparando} ~~fazendo~~ cinza, fazendo fogo. Aqui é planta da qual se tiram as folhas, ou então as cascas, de que se faz o caaxpi. Aqui a cangatara, que guardada debaixo do esteio, na casa, num lugar de respeito. Nesta cangatara são os adornos que pertencem à maloca inteira e não pertecem a ninguém individualmente. Destes adornos é que se transforma a gente. E nós, com uma iniciativa muito gloriosa, compramos tudo quanto tinha de adornos nestas malocas para acabar com estas orgias. Pronto, os índios ficaram tristes: não tinham mais sementes, como multiplicar o povo deles. Depois de um certo tempo, eles viajaram para Colômbia e compraram dos vizinhos.

Agora tem um rapaizinho bonito, ele se adorna para a festa e anda com aquela flautinha para chamar a menina para namorar. E quando chega tempo de festa, também a esposa vai pintando o marido e vão se refazendo as cerimônias que eles fizeram na viagem das almas, no começo do mundo.

(Fim dos slides e da fala do Pe. Casimiro)

...

...até hoje, na margem esquerda do rio Negro é despovoado e os caboclos mesmos,

... até hoje, na margem esquerda do rio Negro é despovoado e os caboclos mesmos até hoje não se aventuraram a subir por aquelas brenhas de lá, porque foi a ... desses índios ferozes, matadores, assaltantes também tinham a tradição de rapina somente de mulheres e... o padre Antônio Goes, que era um dos raros brasileiros que tinham na nossa província, ele resolveu partir para um contato amigável com esse grupo. Partiu com 4 pessoas, todos caboclos, subiu o rio Gaaburís, depois entrou no Maturacá. No Maturacá ele encontrou vestígios, continuou ainda. No Maturacá ele encontrou uma espécie de cipó que atravessava o rio que era um meio dos índios atravessarem o rio, porque eles não tinham canoa. Depois aprenderam a construir canoa. Lá no sítio onde encontrou o cipó ele deixou uns tambores de gasolina já vazios, que não prestavam mais, mas não viram ninguém, nem encontraram ninguém, proseguiram. A comida também começou a acabar. Passou uns 20 dias procurando e não encontrando ninguém. Então resolveu voltar porque não encontrava ... encontrava pista, pista, mas nenhum indígena. Ele em aquela fome, em aquela afobação de voltar, em aquel desânimo, voltando, ele lembrou que tinha esquecido uma espingarda pendurada em uma árvore. Quando ele voltou e abaixou para pegar a espingarda e voltou viu um índio na frente dele. Olhando ao redor tinha outros índios. Os índios convidaram ele para ir pelo mato, e ele ficou assim com um certo receio e mandou os outros ficarem no barco e eles entraram assim uns 200 m. e lá ele encontrou um tapirizinho, uma clareira. Os índios começaram falar e mostrar que aqueles tambores que ele tinha deixado, eles tinham recolhido. Durante a viagem eles tinham matado um porco do mato e eles também disseram que eles que tinham enxotado aqueles porcos para a beira do rio e o padre tinha matado. Ele ficou em aquele tapirizinho e com uma proibição de que ele não podia... Perto tinha uma espécie de... um grupo de tapiris, onde os índios não permitiram que o padre se aproximasse do grupo maior. Ele se despediu e prometeu voltar quanto antes e voltou para São Gabriel e retornou em vésperas de natal. Então os índios levaram num local onde atualmente tem a missão de Maturacá. Foi em 1952, já encontrou uma clareira, fez um tapiri para ele. Os índios queriam ficar logo lá, perto dele, ele não deixou e mandou que os índios fizessem um chabono, que é um espécie de casa só de cobertura, que fizessem as plantações de pupunha, banana, etc. e que voltassem onde eles estavam que era perto da Serra do Padre, não, a Serra do Culuí (?). Eles passaram esses dois anos, iam visitar o padre, cuidavam da roça e o padre ^{diz} que não ia... que eles não iriam ficar lá até que não tivessem meios de subsistência. Depois de dois anos, o padre Goes resolveu retribuir todas aquelas visitas e foi lá... e eles foram descendo e se estabeleceram ao redor da missão, onde já tinha meios de subsistência para eles. Então esse grupo dos Kohorochitari, em conversa com o padre contaram que no Marauyá tinha um grupo que era rival dele e que eram famosos por massacres entre eles, principalmente de crianças. E esse grupo eram os Karawetari. Então o padre Goes foi visitar este gru-

po lá no Marauyá. E os indígenas Kohorochitari não gostaram muito porque é que ele ia lá e levava presentes e etc. Uma vez estabelecida a missão de Maturacá deixou lá o padre José Schnaider e foi fundar outra missão no rio Marauyá. A outra missão continuou com outros sacerdotes, estive o mes passado lá...

Resumindo, já que tenho muita coisa para dizer... o Pe. Goes morreu em 6, quando vinha da Europa, mas ele dizia que estava com a consciência pessada porque não fez nada. Só em Marauyá passou mais de 10 anos... "Não fiz nada..." Quer dizer aquela estrutura que havia montado em todas as missões do Rio Negro e não tinha feito nada. Tem poucos batizados. Cadê os batizados, cadê de aquela... todas essa estrutura sacramental e não tinha feito nada, só em aquele esquema... Ainda tal vez fazendo lá aquela experiência que as irmãzinhas de Jesus tinham feito nos Tapirapé. E o padre morreu e a missão ficou praticamente sem ninguém e este ano tal vez... O padre Bresciani é que visita, lá mesmo não tem ninguém. Para ir lá é muito difícil. Tem quantas cachoeiras, 5, e é um trabalho muito complicado. Então, tudo o que nós vamos ver aqui, eu tive ocasião de presenciar. E ainda como está lá.

Estes índios Yanomami são os que o Pe. encontrou. Era um grupo de 200 e atualmente são mais de 400. Kohorochitá de Maturacá. O lugar no mapa: o Pico da Neblina. Tem o Pico de Rondon e depois ^{lá no meio} o Pico da Neblina. Aos pés de aqui, vocês estão vendo os sinais do rio, do lado esquerdo de quem está olhando que tem lá este grupo que nós estamos vendo agora. Agora, estes slides são do Pe. Casimiro. E do Rio Negro, aqui está saindo da missão de Tapurucuara, em Santa Isabel do Rio Negro, onde é diretor o Pe. Alberto Brecciani, que está aqui, e está se dirigindo para o rio Cauaburís, depois... No Rio Negro, as ilhas antes de entrar pelo Caaburis. Esta é a entrada do Caburí, estas são as pedras e a primeira cachoeira. Aí, quando se chega na cachoeira..., se pega o bote, aqui, ainda está carregado, para levar tem que descarregar tudo, levar para frente nas costas, puxar o bote para frente na água, carregar de novo e seguir a viagem. Isso por 5 vezes só. Esta é a Serra do Padre. Quando se passa por aqui a gente pensa se tivesse uma máquina fotográfica tiraria não sei quantas. Esta é a civilização já, é o atual inspetor (?) que estava lá Pe. Pedro, se entrou pelo meio de canhoto. Também a comunicação...

(Casim.)... foi enterrado como cristão. Foi batizado como cristão e o pessoal dele quiz que ele fosse enterrado, mas depois quando chegaram os parentes dele desenterraram uma ano depois, socaram assim os ossos dele, reduziram às cinzas e consumiram no mingão. E o chefe atual, que é o filho dele, de lembrança, de saudade do pai, colocou dois paus que significam a montanha das almas.

Essa^a ponte que eles fazem e que não dura muitas anos. Primeiro atravessa o rio com um cipó comprido na boca, da parte de cima e vai descendo, atravessa a ^{outra} margem, quando larga o cipo, vai tirando os outros cipós que vai amarrando e daí que vão construir depois a ponte.

(fim do lado 2)